



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**GEOPROCESSAMENTO APLICADO AO MAPEAMENTO IDENTITÁRIO DE FOBIAS NO
ENTORNO DO CEMITÉRIO DA CIDADE DE SOBRADINHO II, DISTRITO FEDERAL**

Gustavo Camargo Guiotti

Brasília, 05 de julho de 2024

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**GEOPROCESSAMENTO APLICADO AO MAPEAMENTO IDENTITÁRIO DE FOBIAS NO
ENTORNO DO CEMITÉRIO DA CIDADE DE SOBRADINHO II, DISTRITO FEDERAL**

Gustavo Camargo Guiotti

Orientadora: Dra. Potira Hermuche

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Geografia da Universidade de
Brasília como requisito para a
obtenção do título de bacharel e
licenciado em Geografia.

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL

Julho de 2024

FICHA CATALOGRÁFICA

GUIOTTI, GUSTAVO CAMARGO

GEOPROCESSAMENTO APLICADO AO MAPEAMENTO IDENTITÁRIO DE FOBIAS NO ENTORNO DO CEMITÉRIO DA CIDADE DE SOBRADINHO II, DISTRITO FEDERAL. 43 páginas.

Trabalho de conclusão de curso – Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas
- Universidade de Brasília – UnB, 2024.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Gustavo Camargo Guiotti

Julho de 2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GEOPROCESSAMENTO APLICADO AO MAPEAMENTO IDENTITÁRIO DE FOBIAS NO
ENTORNO DO CEMITÉRIO DA CIDADE DE SOBRADINHO II, DISTRITO FEDERAL

Gustavo Camargo Guiotti

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de bacharel e licenciado em Geografia

Aprovado por:

Dra. Potira Hermuche (GEA-UnB)

(Orientadora)

Dr. Daniel Abreu de Azevedo (GEA-UnB)

(Examinador interno)

Dr. Matheus Denezine (IG-UnB)

(Examinador externo)

Brasília-DF, 05 de julho de 2024

SUMÁRIO

1 RESUMO	7
2 INTRODUÇÃO	8
3 MATERIAL E MÉTODOS	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
5 CONCLUSÃO	53
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal a aplicação de técnicas de geoprocessamento para o mapeamento identitário de percepções na região adjacente ao cemitério da cidade de Sobradinho II, localizada no Distrito Federal. A investigação foi fundamentada em teorias da Geografia do Medo, que consideram o medo uma emoção central na relação do indivíduo com o espaço. A pesquisa buscou compreender como as percepções, enquanto manifestações emocionais, podem ser cartografadas por meio da dimensão identitária dos moradores da região próxima ao cemitério. Para isso foram realizadas entrevistas por meio das quais foram coletados dados sobre as percepções individuais em relação à presença do cemitério. Os resultados foram cartografados por meio de técnicas de Sistema de Informação Geográficas (SIG). Os resultados indicaram que as fobias possuem uma dimensão espacial e temporal significativa, refletindo nas práticas e vivências cotidianas dos moradores. A cartografia resultante apresentou uma representação das impressões fóbicas individuais, demonstrando a complexidade e a subjetividade das experiências humanas em relação ao espaço.

Palavras-chave: Geoprocessamento, Mapeamento Identitário, Cemitério.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que existem fortes tradições da cultura (MITCHELL, 1995) e que estiveram entrelaçadas no pensamento de que até o final do século passado, os geógrafos culturais estiveram sob a influência da escola de Barkeley (DUNCAN; 1980; COSGROVE, 1993). Segundo o senso comum, a visão dominante é a existência de culturas entendidas como entidades concretas, quando esse conceito não é considerado como algo abstrato e distante, mas sim como uma prática tangível que está intimamente ligada à política, sistemas econômicos. Ou ainda no nível da especificidade, privilegia a diversidade de movimentos culturais e artísticos, revelando a geograficidade da cultura, o entendimento de que os elementos culturais estão sujeitos à demarcação territorial (SILVA; COSTA, 2018a; 2018b).

Diante disso, o presente trabalho pretende fazer um exercício de mapeamento das emoções que, apesar de sua imprecisão espacial, se apresentam como cartografáveis por meio da dimensão identitária. O esforço irá focar na produção de mapas de identidade das perspectivas, expressa em diversas dimensões, a partir do entorno do cemitério da cidade de Sobradinho II, situada no nordeste da cidade de Brasília, Distrito Federal.

A pesquisa visa retratar as escritas intersubjetivas de indivíduos residentes nas proximidades do cemitério, o que é uma forma de solucionar a confusão teórica que envolve a representação cartográfica das formas culturais (VALENTINE, 2001). Contudo, a representação na cartografia é uma forma de mostrar as perspectivas, não uma forma de apresentá-las de forma coletiva.

Este estudo já foi feito em outras cidades (SILVA *et al.*, 2021), como o caso do cemitério de Salinas/MG, no qual o artigo propõe uma metodologia para mapear diferentes tópicos culturais, como a fobia. Os autores chegam na conclusão de que a representação de temas culturais só faz sentido na dimensão identitária e que a determinação temporal se torna essencial, pois impacta nas expressões sobre o espaço. E a partir de uma análise profunda sociológica, esses mapeamentos podem se tornar um orientador para políticas públicas e estudo da área.

Por meio de entrevistas com a população que vive na região pretende-se abordar a existência de percepções de diversas naturezas, seja elas,

sentimentos em função da presença do cemitério, visando compreender a distribuição espacial da percepção individual da comunidade por meio da utilização de ferramentas do geoprocessamento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Geografia do Medo

Segundo Bayer e Dantas (2018), o medo é um sentimento central para a condição humana e sua capacidade de criar espaço. Pode ser visto como um dos pilares que tecem o cotidiano da cidade, podendo ser observado como um fenômeno que atravessa a conexão entre o tangível e o intangível, o propósito e o pessoal. Os autores ainda citam que, nessa perspectiva, esse sentimento carrega uma dimensão espacial intrínseca: é uma das condições da prática espacial urbana, interferindo na (des)organização, (re)produção e (trans)formação do ambiente.

Bauman (2008) afirma que o sentimento do medo está presente em todos os seres vivos, mas no ser humano ele se desenvolve de forma diferente, uma vez que pode haver uma recriação e desenvolvimento a partir de vivências diretas e indiretas. Como indicou Guinard (2015), o medo cresceu de forma ambígua no tempo, no espaço e no corpo, logo o medo não é absolutamente universal, mas depende do lugar (tempo e espaço) e do indivíduo (classe), existindo muitos tipos de medos devido a mudanças como situação, *status* social, idade, raça e gênero.

Com isso, alteram a formação profunda desse sentimento, composto por percepções de insegurança, desconforto e vulnerabilidade (BAUMAN, 2008). Existe, portanto, uma clara organização entre insegurança e vulnerabilidade a determinados perigos, dependendo do espaço, do tempo e das condições físicas, esmagando o sentimento de medo e tornando-o uma emoção principalmente dependente.

Desse modo, o medo é um sentimento/fenômeno que regula a relação da pessoa com o espaço que a rodeia. Dessa mediação emerge um espaço marcado pela experiência que Yi-Fu Tuan (2012) chama de “topofobia”, que

consiste basicamente no sentimento que uma pessoa tem a respeito de um lugar que expressa nojo, rejeição ou outro sentimento negativo. Ele contrasta este espaço com espaços topofílicos, que por sua vez são locais emocionalmente atraentes que geram um sentimento de pertencimento.

Também pode ser compreendida por meio do conceito de vergonha, um sentimento profundamente doloroso e penoso para algumas culturas. Tanto a vergonha quanto a culpa são emoções ligadas à moralidade e funcionam como reguladores sociais do comportamento humano. Culturas da vergonha são aquelas que mantêm tradições sólidas e estruturas hierárquicas, onde códigos de honra e valores ancestrais são utilizados como referência para avaliar a moralidade das ações do indivíduo entrevistado (ZYGOURIS, 1995).

De acordo com Bayer e Dantas (2018), do ponto de vista didático, existe um conflito constante entre o medo e o indivíduo cujo objetivo é dominar o outro. De acordo com os mesmos autores, este campo de força é muito complexo e, em última análise, cria uma série de relações socioespaciais – entre indivíduos e o espaço em ambos. É neste campo de forças que se encontra a emergência de duas territorializações específicas, denominadas “territorializações do medo”.

O medo começa a se instaurar no primeiro movimento de territorialização em que este supera o sujeito, projetando-se no espaço do corpo. Como enfatiza Guinard (2015), o medo surge como uma emoção (entre outras emoções) que medeia o espaço imediato do sujeito com sua experiência cotidiana e sua relação com outros sujeitos, regulando o comportamento e as relações com os outros e no espaço. É importante ressaltar que não se fala da dimensão patológica do medo, caso em que o medo expressa doenças que afligem o corpo (paralisias, náuseas, desmaios), mas sim de uma performatividade que ocorre espacialmente, transformando os usos da cidade, a utilização de espaços públicos e privados, alteração de paisagens, etc.

Nesse contexto, Souza (2013) afirma que o corpo assume uma posição fundamental na análise geográfica, principalmente porque não é possível separá-lo da experiência vivida, sendo ele mesmo um corpo que experimenta a constante interação com o mundo e outros corpos, formando, assim, uma síntese da própria existência. Como Guattari (1992) coloca, “a abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido revela sua inseparabilidade” e

muitos veem esse espaço como repleto de ameaças, uma fonte interminável de eventos que podem desencadear o medo.

Por sua vez, as pessoas afetadas pelo medo procurarão maneiras de reduzir esse sentimento, agindo sobre o que consideram as causas de insegurança, buscando diminuir sua vulnerabilidade diante das potenciais ameaças. Parte dessas ações possui, inerentemente, dimensões espaciais, o que resulta em alterações significativas em suas formas e conteúdo. Esse “confronto” entre o medo e o indivíduo, muitas vezes com a vitória do primeiro sobre o segundo, mesmo que parcialmente, indica o processo de dualidade e complexidade do indivíduo ao entrar em contato com o fenômeno do medo.

O segundo processo de territorialização do medo surge da influência do fenômeno que se explica como sentimento que auxilia na territorialização direta sobre as ações das pessoas que buscam atenuar esse sentimento. Essas ações são comumente referidas como “práticas espaciais de evitamento”, que são práticas sociais com uma ênfase significativa na dimensão espacial, como destacado por Souza (2013). O objetivo principal dessas práticas é evitar o contato com possíveis ameaças, visando assim reduzir o medo sentido, embora não necessariamente resolvê-lo por completo.

O medo, embora seja inerente à natureza humana, não segue uma progressão linear. Em vez disso, ele é experimentado em diferentes intensidades que são influenciadas pela interação entre a sensação de insegurança e a vulnerabilidade. Dentro do contexto da relação entre o medo e o sujeito, conforme mencionado anteriormente, não há uma supremacia total de um sobre o outro. O que existe são diferentes graus de domínio e influência do medo.

Tanto a pessoa não é completamente dominada pelo medo (exceto em casos patológicos que não vêm ao caso) quanto o medo não é totalmente eliminado por ela. Essa oscilação é um resultado e uma consequência do constante movimento de des-re-territorialização do medo. Quando falamos sobre a desterritorialização do medo, estamos nos referindo ao fenômeno do medo e sua influência que contribui para o contínuo movimento de destruição e reconstrução de territórios, tanto em níveis psicológicos (com o medo como um sentimento que passa a “habitar” o indivíduo) quanto em sua posterior

exterioridade (que surgem das sensações de vulnerabilidade e insegurança) que fundamentam múltiplas práticas espaciais (BAYER; DANTAS, 2018).

O significado do medo frequentemente é tomado como certo em investigações geográficas, especialmente quando se trata do medo do crime, da violência e do medo no espaço público. No entanto, o medo enquanto emoção é muito mais complexo e não pode ser entendido sem considerar os processos que levam à sua produção (Davidson, J. et al. 2005). Com a virada afetiva ou emocional nas ciências sociais, tem havido um interesse crescente também na literatura geográfica internacional em incorporar discussões sobre “afeto”, “emoção”, “corporificação”. Essas discussões se baseiam principalmente na literatura pós-estruturalista e feminista (Thrift, N. 1997; Anderson, K. e Smith, SJ 2001; Davidson, J. e Milligan, C. 2004; Thrift, NJ 2008). A geografia afetiva ou emocional é um subcampo interdisciplinar que busca compreender o mundo geograficamente com um foco em considerações teóricas e substantivas de emoção, espaço e sociedade.

(Thien, D. 2017, 1702). Embora a conexão entre emoções, espaço e lugar tenha sido discutida filosoficamente há muito tempo (Sartre, J.-P. 1962; Smith, M. et al. 2012), a geografia humana tem sido relutante em explorar essa relação. Isso pode ser atribuído à contínua necessidade da geografia de se defender dentro do campo mais amplo, onde a emoção (Supostamente em oposição com à razão) é frequentemente vista como ambígua e não científica (Bondi, L. 2009). No entanto, principalmente com o auxílio da crítica feminista e de gênero ao pensamento dicotômico, as formas emocionais de conhecimento têm enriquecido a pesquisa geográfica (Bondi, L. 2009), abordando enfoques humanísticos e fenomenológicos, com destaque para geografias de saúde, sociais, culturais, de raça críticas, entre outras.

Outras emoções também merecem destaque. Por exemplo, apesar de o constrangimento ser amplamente reconhecido como a emoção mais social, conforme aponta Parrott (1996), as queixas associadas a essa emoção tendem a estar relacionadas à autodepreciação. Dessa forma, o constrangimento exige não apenas o reconhecimento das normas sociais, mas também a percepção das crenças e avaliações dos outros. De fato, essa emoção é universalmente desagradável; como o autor observa, a vivência dessa emoção inclui uma

sensação de inadequação social ou de autodepreciação, frequentemente acompanhada por um elemento de surpresa.

Nesse sentido encontra-se o objeto de estudo do presente trabalho, que visa avaliar a distribuição espacial de fobias, como o medo, a partir da presença do cemitério de Sobradinho II.

Segundo Felicioni (2007), o sepultamento de cadáveres remonta aos tempos pré-históricos, quando os corpos tribais eram enterrados por questões de segurança. Um corpo em processo de decomposição, além desconforto que pode causar em determinadas pessoas, pode atrair predadores. Como a maioria dos costumes, com o tempo o ato do enterro tornou-se um tabu e foi incorporado às regras religiosas das pessoas. Na cultura ocidental, aceitar a finitude é um desafio, pois envolve reconhecer que somos seres vivos destinados a morrer um dia. Essa perspectiva coloca a morte como uma presença constante no imaginário humano, desestabilizando as fantasias defensivas que as pessoas criam para se protegerem da ideia de sua própria finitude. Compreender os mecanismos de defesa, assim como a "subjetividade em sua totalidade, considerando seu movimento, contradições e historicidade", torna-se essencial nesse contexto. (COMBINATO; QUEIROZ, 2005, p. 212), torna-se fundamental.

Assim, o “morrer” ocorre predominantemente em hospitais, e não mais em casa, em um mundo permeado por valores racionais, a valorização do tempo presente e a aquisição de bens materiais, desmistificando a fobia de cemitérios. Nesse contexto, a morte desarticula os sentidos da vida moderna, esvazia o significado da acumulação de dinheiro e do culto ao corpo e à aparência.

A partir disso, entende-se que cada indivíduo mantém um delicado equilíbrio entre as influências da estrutura social e suas vivências pessoais (SILVA *et al.*, 2021). Assim, acredita-se que a proposta do presente trabalho de representação da identidade pode, em determinados acontecimentos, indicar áreas onde se observa certo padrão comportamental. Independentemente do equilíbrio inviolável entre o poder da superestrutura social e a experiência individual na formação identitária, é possível medir desde sofrimentos emocionais até prazeres paisagísticos.

Assim, ao desenvolver pesquisas sobre a dimensão espacial de uma crença, a Geografia busca discutir o caráter simbólico do espaço quando este é apropriado pelo fenômeno religioso, trazendo à tona os conceitos de identidade

no espaço e territorialidade do sagrado (GIL FILHO; 2009). A partir da premissa de que a força exercida por um dado agente social resulta na formação de territórios, a territorialidade por sua vez, relaciona-se a “um conjunto de estratégias implementadas por grupos ou organizações para gerenciar um determinado território” (ROSENDAHL, 1996).

Cada cemitério pode ser considerado um verdadeiro museu a céu aberto, permitindo a reconstrução da história de famílias tradicionais, a observação da mobilidade social e das mentalidades da época. Além disso, reflete a importância política e a opulência econômica das cidades, oferecendo um retrato vívido de seu passado (ISMÉRIO, 2016). O cemitério de Sobradinho II, que possui aproximadamente 19.000 corpos sepultados e vida útil prevista até o ano de 2032, tem características de um cemitério-jardim, originário dos Estados Unidos, seguindo a Resolução CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003, e no qual o foco é a vista sem a presença de monumentos, onde a única identificação de um túmulo é uma placa colocada sobre o solo, sem a presença de arte tumular, promovendo, aparentemente, a igualdade entre os mortos, sem discriminação econômica, social etc.

O cemitério encontra-se inserido na malha urbana da cidade, tornando-se interessante estudo de caso sobre a Geografia do Medo e outras fobias.

2.2 Sistema de Informação Geográfica (SIG) aplicado ao mapeamento do intangível

Na ciência geográfica, destaca-se a linha de estudo da Geografia Humanista, que privilegia a subjetividade em detrimento da objetividade e a compreensão em vez da explicação. Correntes como a fenomenologia e o existencialismo possibilitam a conexão entre o objeto e o sujeito, permitindo uma análise profunda da conduta espacial do indivíduo, bem como de suas emoções e fobias. Essa conduta espacial pode ser visualizada a partir de instrumentos do geoprocessamento. Nesse sentido, surge a ideia de utilização de ferramentas do Sistema de Informação Geográfica (SIG), uma vez que essas desempenham um papel crucial ao espacializar dados guardados em um banco de dados vinculado a uma base cartográfica.

Esse processo de mapeamento georreferenciado resulta na capacidade de visualizar informações de forma espacialmente representativa. Portanto, esse sistema é de grande relevância e pode ser empregado como uma ferramenta valiosa para mapear fenômenos intangíveis, uma vez que o foco é a análise da distribuição geográfica dos fenômenos, sendo importante não só ter conhecimento de um certo evento que ocorreu, mas também onde ele ocorreu (LONGLEY et al., 2011).

Segundo Longley et al. (2011), a ferramenta possibilita a realização de análises complexas ao integrar dados do mundo real, provenientes de diversas fontes e em diferentes formatos., criando um banco de dados georreferenciado, fazendo com que as informações possam ser disponibilizadas em forma de gráficos, dados e mapas para um melhor entendimento dos fenômenos estudados, como é o caso das fobias no bem-estar social.

A abordagem cartográfica é dinâmica e busca capturar as variações, permitindo o registro das mudanças ocorridas, além de levar em consideração o envolvimento do observador no mundo que está sendo mapeado (FONSECA e KIRST, 2003). Consequentemente, a precisão na manipulação das informações proporcionada por um SIG desempenha um papel fundamental na compreensão da manifestação espacial de fobias, abrindo caminho para a implementação de ações eficazes na redução da ocorrência dessas fobias ou na formulação de políticas públicas voltadas para essa questão (MATIAS, 1996).

Anderson e Smith (2001) argumentam que é desafiador compreender plenamente as emoções e também agir com base nesta compreensão. Portanto, corroborando essa ideia, Innerarity (2006) afirma que há de que se fazer visível o intangível para entender o espaço que nos rodeia. Nogué e Romero (2006) complementam essas ideias afirmando que nos movemos entre paisagens que não foram decifradas e territórios misteriosos e, essas “geografias da invisibilidade”, marcam nosso mundo existencial tanto quanto as geografias cartografáveis.

Ab’Saber (2012) trata a paisagem como um legado herdado da dinâmica da natureza ao longo do tempo, defendendo que um grande geógrafo deve analisar toda a extensão espacial e territorial de um determinado espaço. Essa abordagem permite uma representação mais flexível e aberta das qualidades da

paisagem, reconhecendo a complexidade das experiências estéticas e emocionais relacionadas ao espaço.

Com isso, temas culturais de grande especificidade, como a apreciação das paisagens de determinadas regiões, podem desafiar o princípio da totalidade, desde que o mapa correspondente seja concebido e apresentado de forma singular, como é o caso do presente trabalho, que busca mostrar o cemitério de Sobradinho II sob o olhar do morador adjacente.

Essas ideias foram consideradas na construção da proposta de mapeamento das fobias relacionadas aos cemitérios, considerando como uma forma de “mapeamento de fenômenos intangíveis”, como uma alternativa para representar elementos de alta especificidade cultural. Em formato da dimensão identitária, abandona-se a representação da totalidade (SILVA et al., 2021), buscando as impressões fóbicas individuais de cada sujeito relacionadas ao cemitério de Sobradinho II.

O artigo usado como base dos autores SILVA *et al.*, 2021, é estabelecido uma proposta de representação das fobias no espaço, atuando na dimensão identitária, abandona-se a pretensão de representação da totalidade. Foi feito impressões fóbicas individuais associadas ao cemitério de Salinas/MG, coletadas em 23 de novembro de 2019. Os autores mencionam que é importante dizer que as reflexões sobre a avaliação da paisagem estão intimamente relacionadas com o tema da proposta, que é a representação de um tema cultural muito específico. Afinal, paisagem e cultura formam um binário (CLAVAL, 2001) e, portanto, as limitações relacionadas à possibilidade de avaliação da paisagem são semelhantes às da representação espacial da cultura. Isto se explica pelo fato de ambos os procedimentos estarem relacionados à possibilidade de expressão coletiva baseada em fontes de identidade. O principal problema que os autores encontram é a crítica à representação espacial da cultura. Porque é um conceito que flerta com o intangível, com uma composição não consensual, que apresenta como atributos o dinamismo espaço-temporal, a porosidade e o hibridismo e, portanto, não parece credível considerar a sua delimitação. Contudo, a proposta dos autores é que, diferentemente da dimensão cultural em si, possam ser representados temas culturais específicos, bem como opiniões e aspectos avaliativos da paisagem e

da época de criação do cemitério (Figura 2), ainda no ano de 1964, sendo provável que já existisse o cemitério antes da criação da própria RA.

3.2 Espacialização das emoções

Para o mapeamento da percepção das emoções da população que vive ao redor do cemitério, inicialmente foi estabelecido, a partir da poligonal limite do cemitério, uma faixa em seu entorno imediato, que consiste nas primeiras casas em contato com o cemitério, além de raios concêntricos de 150, 300 e 450 metros, sendo assim definidas as 4 áreas de estudo, estes raios foram produzidos pelo software ArcGis (Figura 3).

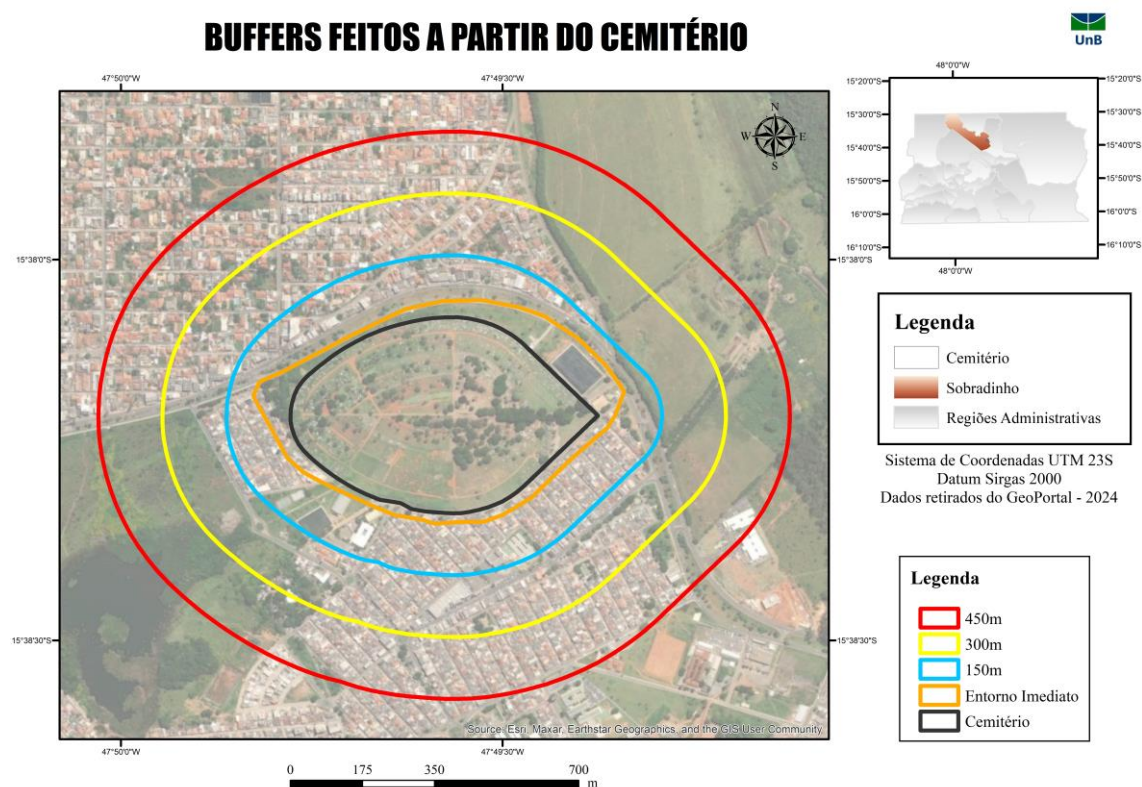


Figura 2 – Áreas de estudo consideradas no presente estudo.

A partir dessa definição, foi aplicado um questionário (Anexo 1) em uma amostra de 182 domicílios. A amostra foi baseada em uma população estimada de 2500 pessoas, estimada com a quantidade de casas da região, com um intervalo de confiança de 95% e uma margem de erro de 7%.

O trabalho de campo para as entrevistas foi realizado no período de outubro de 2023 a fevereiro de 2024, com uma equipe composta por 10

voluntários. Em cada residência/comércio foi entrevistada apenas uma pessoa, sendo essa necessariamente maior de 18 anos. As entrevistas foram aplicadas a partir do método de entrevistas quantitativas e qualitativas, o qual visa coletar dados numéricos e a observação direta dos entrevistados, que não foram identificados para manutenção do anonimato e da imparcialidade.

O foco das entrevistas foram as características do entrevistado e sua percepção acerca da presença do cemitério, englobando questões como: tempo que a pessoa vive no local, religião, percepção/sentimento de viver perto do cemitério, percepção sobre a relação entre a presença do cemitério e pessoas com más intenções, desvalorização das casas da região, vergonha e medos associados à fenômenos místicos relacionados a religiosidade e crença. A pesquisa se baseia na descrição das experiências relatadas pelos moradores das proximidades do cemitério de Sobradinho II, se aproximando da metodologia da fenomenologia. Há uma interação entre o entrevistado e o entrevistando, em que, desencadeia uma série de interações e descrições minuciosas dos fenômenos relacionados ao cemitério de Sobradinho II. Isso se justifica pelo fato de que essas falas e descrições estão repletas de significados a respeito dos fenômenos, e por essa razão, devem ser analisados.

As respostas foram estruturadas numa gradação de valores que variavam de 0 a 10, expressando a intensidade de cada fobia, para facilitar a quantificação. A gradação foi dividida em classificações qualitativas para as análises, qual seja: 0-1= Inexistente / 2-3 = Baixo / 4-5 Razoável / 6-7 Alta / 8-10 Muito alta.

A distribuição das entrevistas dentro das 4 faixas (Buffers criados) dependeu, principalmente, da quantidade de casas existentes, da concordância dos moradores em responder a pesquisa e da oportunidade de encontrar um morador em casa apto a responder no momento da visita. Deste modo, os respondentes se distribuem da seguinte forma:

- Entorno imediato do cemitério: 17 entrevistas
- Faixa entre o entorno e 150 metros: 74 entrevistas
- Faixa entre 150 e 300 metros: 69 entrevistas
- Faixa entre 300 e 450 metros: 22 entrevistas

Para viabilizar a posterior espacialização do resultado das entrevistas, foi adquirido o par de coordenadas espaciais de todos os locais com

respondentes para a confecção de mapas (um relativo a cada pergunta do questionário), foi utilizado para a fabricação dos mapas o software ArcGIS, enquanto os dados foram retirados do GeoPortal 2024.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os mapas elaborados apresentam uma proposta de representação das percepções no espaço e também contêm alguns valores socioculturais dos entrevistados, de forma que se atua na dimensão identitária, abandonando o contexto de representação da totalidade, como abordado anteriormente. Neles são representados precisamente as impressões das percepções individuais associadas ao cemitério de Sobradinho II. É importante salientar que o indicativo temporal se torna fundamental à medida que as identidades se transformam com o tempo (SILVA *et al.*, 2021), portanto, enfatiza-se que os dados resultantes do trabalho são de um recorte dos anos de 2023/2024.

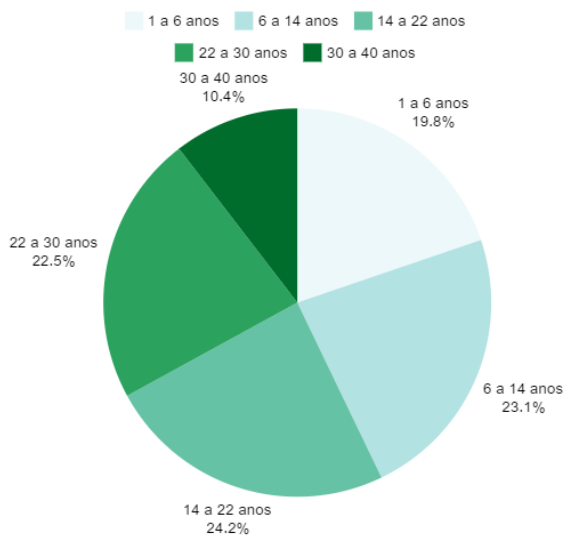
A partir do resultado do questionário foi possível observar diferentes manifestações espaciais das percepções. Mas, embora a fobia seja o tema central do questionário, as diversas dimensões exploradas do medo ou aversão possibilitaram a elaboração de mapas com arranjos bastante diversificados, como demonstrado a seguir, de acordo com as temáticas abordadas no questionário.

Pergunta 1 - TEMPO DE MORADIA

No que diz respeito à primeira pergunta do questionário, tudo indica ao observar que mais da metade da amostra de respondentes vive no local há mais de 14 anos, chegando a 40 anos (Tabela 1). Isso indica que a percepção da amostra não está influenciada pelo pouco tempo de moradia na região.

Tabela 1 - Estatísticas gerais do tempo de moradia.

Classificação	Quantidade de entrevistados	Porcentagem
1 a 6 anos	36	19.78%
6 a 14 anos	42	23.08%
14 a 22 anos	44	24.18%
22 a 30 anos	41	22.53%
30 a 40 anos	19	10.44%



Em relação à distribuição espacial pelo tempo de residência no local, não existe um padrão, como ilustra a Figura 3. Apesar disso, pode-se indicar que a maior parte dos respondentes que vivem há mais de 22 anos encontram-se dentro da faixa até 300 metros do cemitério.

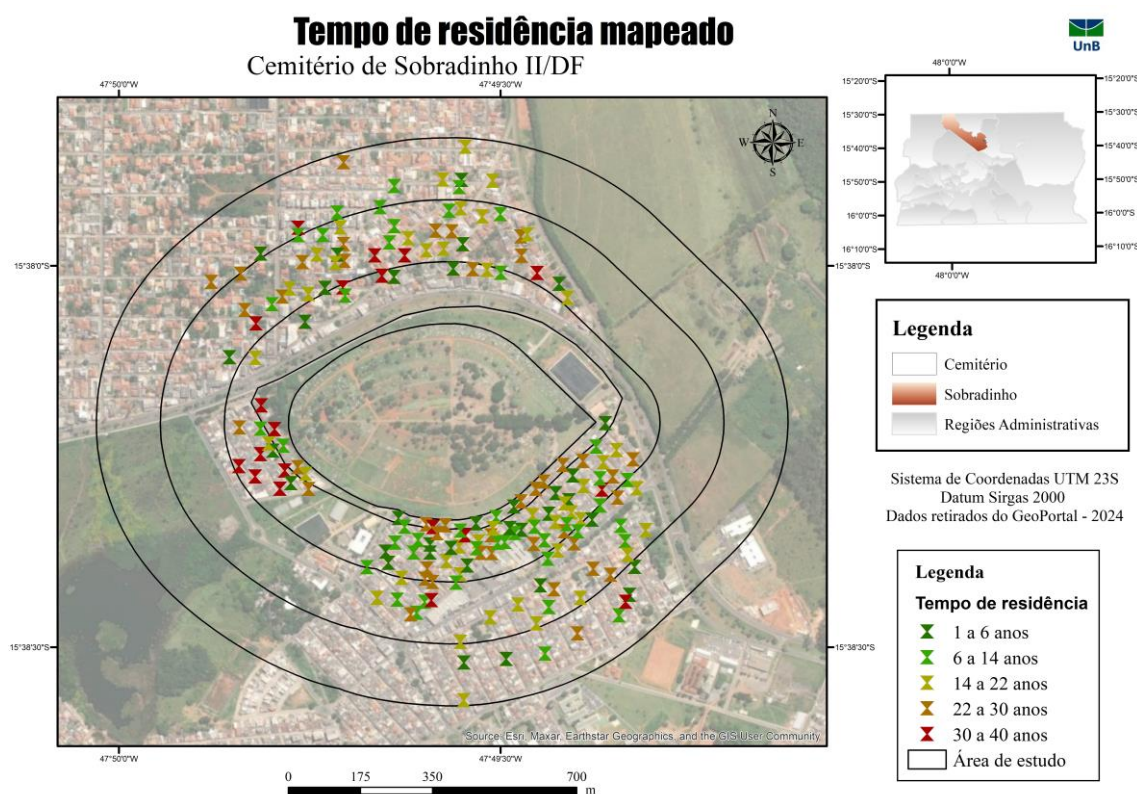


Figura 3 – Tempo de residência nos arredores do cemitério de Sobradinho II.

Pergunta 2 - RELIGIÃO

No caso do cemitério de Sobradinho II, a cartografia destaca especialmente a dimensão simbólica e cultural do território, tendo como maioria, respondentes com religiosidades de origem cristã (Tabela 2). Assim, os resultados demonstram que não há um padrão de distribuição espacial de acordo com a religiosidade dos moradores, apesar das especificidades de cada faixa de estudo poderem impactar na interpretação das demais respostas inseridas no questionário. Além disso, os dados indicam que existe uma gama diversa de religiões na área de estudo, como aponta na Figura 4.

Tabela 2 - Estatísticas gerais do mapeamento de religiosidade na área de estudo.

Religiões	Quantidade de entrevistados	Porcentagem
Candomblé	2	1.10%
Católico	57	31.32%
Cristão	32	17.58%
Espírita	3	1.65%
Evangélico	47	25.82%
Ateu	37	20.33%
Testemunha de jeová	4	2.20%

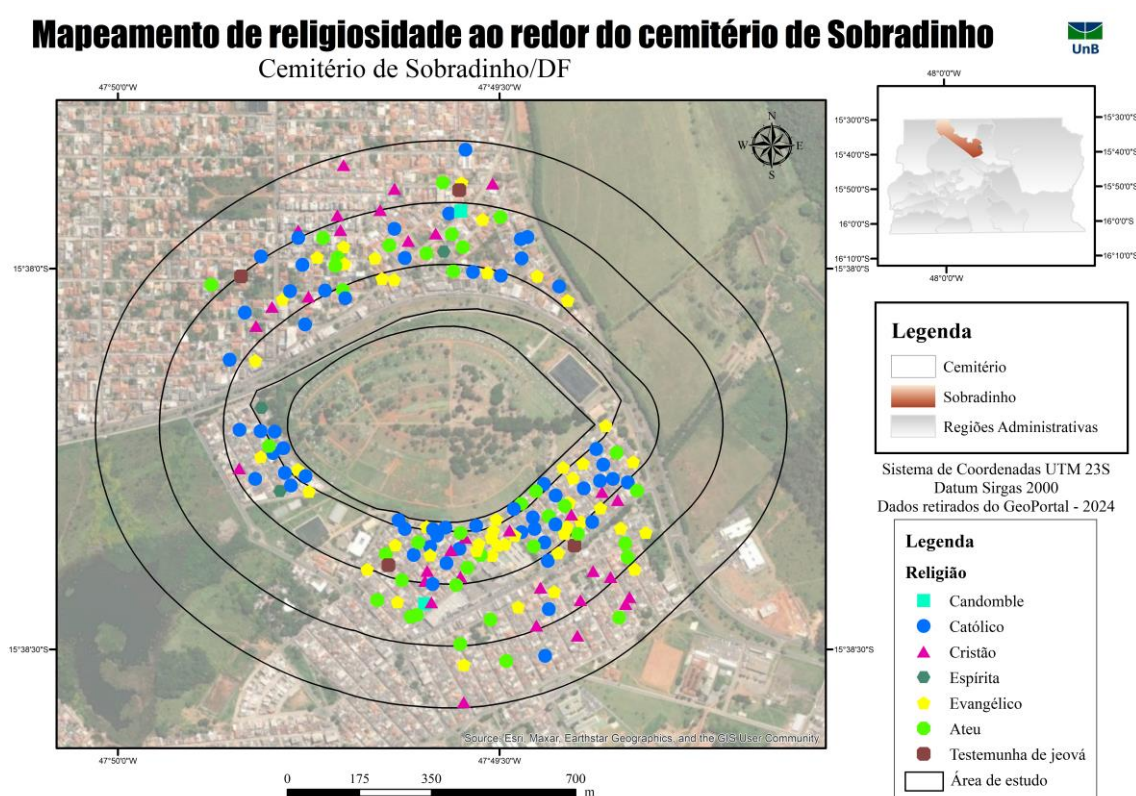


Figura 4 – Mapeamento de religiosidade ao redor do cemitério de Sobradinho II. Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os dados relativos à primeira faixa de estudo, o entorno do cemitério (Tabela 3), revelam que a maioria dos respondentes (52.94%) se diz pertencente à religião Católica, reflexo do Brasil, no qual o catolicismo é a maior religião. Há também uma porcentagem alta (29.41%) de evangélicos, religião que atualmente é o segundo maior segmento religioso do Brasil.

Sobre a faixa entre o entorno e 150 metros (Tabelas 3 a 6), continua a predominância católica e evangélica (68,92%), porém há um aumento do

ateísmo (16.22%) nas respostas, permitindo traçar um perfil dos residentes de acordo com seus valores, que impactam de forma diversa nos mapeamentos seguintes deste trabalho.

Na faixa entre os 150 e 300 metros, as estatísticas mudam e o ateísmo se torna a maioria das respostas coletadas (27.54%). O aumento do ateísmo no Brasil também foi destacado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), alterando de 7,3% em 2000 para 8% em 2010, levando em conta que o IBGE avalia em conjunto ateus e outras pessoas inseridas no quesito “sem religião”.

Na última faixa tem-se o cristianismo como maioria (45.45%), sendo que os cristãos estão divididos em três grupos principais: católicos romanos, católicos ortodoxos e protestantes.

Tabelas 3,4,5,6 - Estatísticas do mapeamento de religiosidade nas faixas do cemitério.

Tabela 3 – Religiosidade da faixa do entorno imediato.

Religiões	Quantidade (Entorno)	Porcentagem (Entorno)
Candomblé	0	0%
Católico	9	52.94%
Cristão	0	0%
Espírita	1	5.88%
Evangélico	5	29.41%
Ateu	2	11.76%
Testemunha de Jeová	0	0%

Tabela 4 – Religiosidade da faixa entre o entorno imediato e 150 metros.

Religiões	Quantidade (150 metros)	Porcentagem (150 metros)
Candomblé	0	0%
Católico	27	36.49%
Cristão	9	12.16%
Espírita	1	1.35%

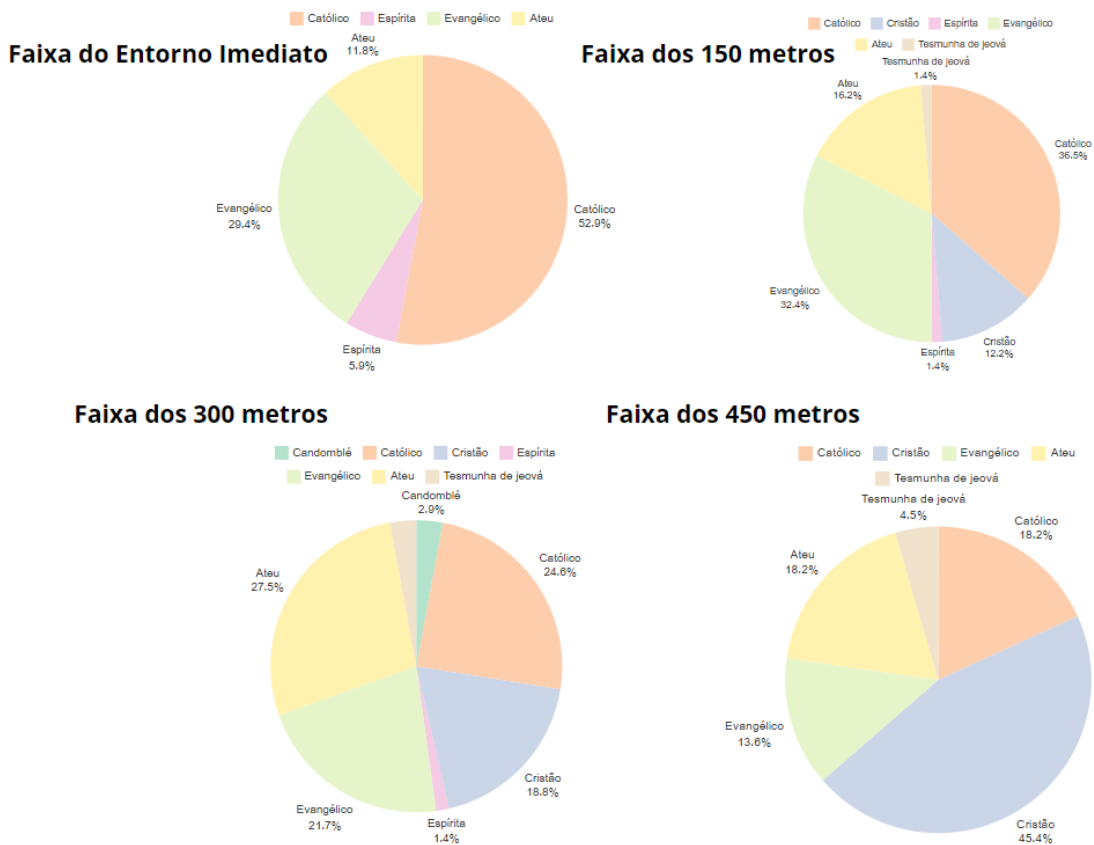
Evangélico	24	32.43%
Ateu	12	16.22%
Testemunha de jeová	1	1.35%

Tabela 5 – Religiosidade da faixa entre os 150 metros e 300 metros.

Religiões	Quantidade (300 metros)	Porcentagem (300 metros)
Candomblé	2	2.90%
Católico	17	24.64%
Cristão	13	18.84%
Espírita	1	1.45%
Evangélico	15	21.74%
Ateu	19	27.54%
Testemunha de jeová	2	2.90%

Tabela 6 – Religiosidade da faixa entre os 300 metros e 450 metros

Religiões	Quantidade (450 metros)	Porcentagem (450 metros)
Candomblé	0	0%
Católico	4	18.18%
Cristão	10	45.45%
Espírita	0	0%
Evangélico	3	13.64%
Ateu	4	18.18%
Testemunha de jeová	1	4.55%



Pergunta 3 - PROXIMIDADE DO CEMITÉRIO

A partir dos resultados da pergunta 3, que abordava a percepção do entrevistado em relação à proximidade de sua residência do cemitério, a nuvem de palavras indicando, com base no tamanho da fonte, a importância de cada palavra na amostra (Figura 5, Tabela 7), demonstra de forma predominante a palavra “Indiferente”, que foi utilizada 74 vezes (40.66%). Essa foi seguida pelas palavras: Normal (48 vezes, correspondente a 26.37%), Tristeza (26 vezes, 14.29%), Desconforto (14 vezes, 7.69%), Ruim (5 vezes, 2,75%), Medo (4 vezes, 2,20%), Tranquilo (5 vezes, 2,75%), Paz (3 vezes, 1.65%) e as palavras Insegurança, Matéria e Aconchegante (todas utilizadas apenas 1 vez, correspondendo a 0.55%).

e corrobora a ideia de que cada indivíduo tem uma vivência sociocultural diferente ao recorte espacial do cemitério, demonstrado pela recorrência da palavra “Indiferente”, que não tem nenhum padrão na distribuição ao longo das faixas.

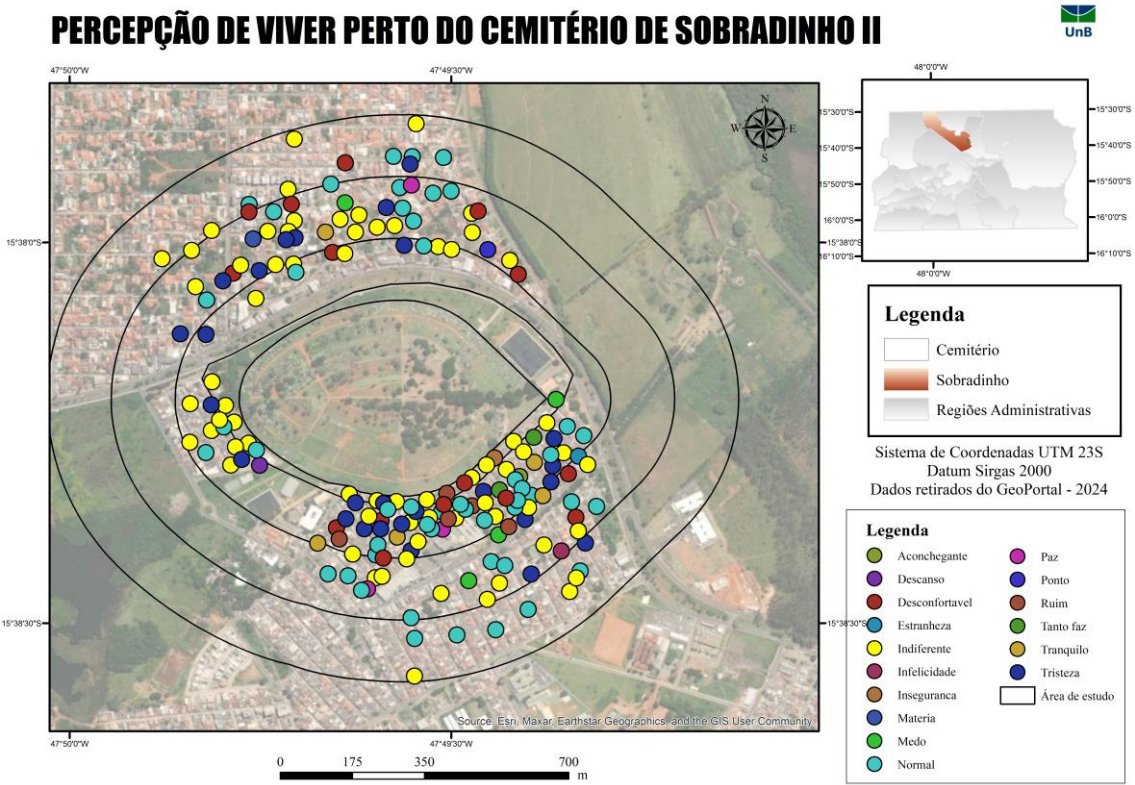


Figura 6 – Mapeamento da percepção individual de viver perto do cemitério de Sobradinho II em uma palavra. Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Pergunta 4 - CRIMINALIDADE

Os dados relacionados à percepção dos moradores sobre a relação entre a proximidade do cemitério e criminalidade mostraram que mais da metade dos entrevistados acredita que há influência negativa, mesmo que baixa, por se tratar de um terreno baldio, como indica a Tabela 8.

Tabela 8 - Estatísticas gerais do mapeamento sobre a percepção de criminalidade.

Classificações	Quantidade de entrevistados	Porcentagem

Percepção de criminalidade 0-1 (Inexistente)	38	20.88%
Percepção de criminalidade 2-3 (Baixa)	15	8.24%
Percepção de criminalidade 4-5 (Razoável)	50	27.47%
Percepção de criminalidade 6-7 (Alta)	38	20.88%
Percepção de criminalidade 8-10 (Muito Alta)	41	22.53%

De forma geral, nas estatísticas a criminalidade devido ao cemitério torna-se a percepção mais bem distribuída da pesquisa, a maior taxa de respostas está concentrada no Razoável, 3-6 (27.47%). Enquanto na distribuição espacial (Figura 7), não se encontra um padrão de respostas a partir da análise sobre a distribuição espacial do mapa de percepção de criminalidade, há casos de percepções baixas e altas em todas as faixas de estudo. Esse tipo de distribuição reflete, também, o valor sociocultural que cada indivíduo deposita nele.

Percepção individual sobre a criminalidade ao redor do cemitério

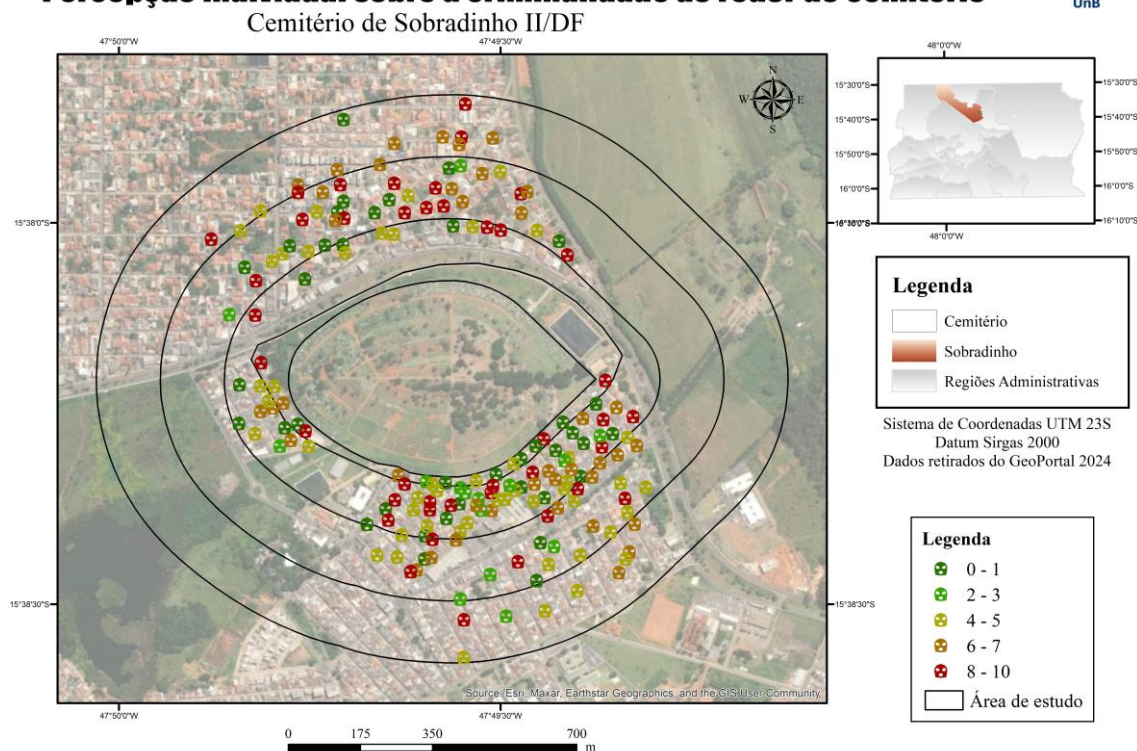


Figura 7 - Percepção individual sobre a criminalidade ao redor do cemitério de Sobradinho II. Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Na faixa do entorno do cemitério, as estatísticas apresentam uma disparidade em relação ao resultado geral, uma vez que a maior porcentagem dos entrevistados (35.29%) acredita que o cemitério não influencia na criminalidade da região, porém as porcentagens da percepção oposta também são expressivas (23.53%).

Na faixa entre o entorno e 150 metros o resultado mostra que grande parte dos entrevistados acredita que o cemitério não influencia na criminalidade da região, mas a maior parte dos respondentes acredita que há influência sim.

A partir da faixa entre os 150 metros e 300 metros, metade dos entrevistados acredita que o cemitério influencia na criminalidade (47.83%), porém a maior porcentagem ainda se concentra no meio do gradiente (3-6).

Na última faixa da área de estudos, o resultado mostra uma predominância dos entrevistados que acreditam que o cemitério influencia na criminalidade da região. Esse fato pode se dar pela distância maior do cemitério, fazendo com que haja um fortalecimento da hipótese de que a fobia do invisível

é presente na sociedade. O medo do crime surge como um fenómeno afetivo com carácter protetor, que como tal é um processo de adaptação e comunicação, que constituem material diagnóstico do estado emocional da pessoa. (PONDE, 2011).

A criminalidade surge como estímulo para o medo, pois causa essa ansiedade e insegurança no indivíduo. O medo do crime é um tipo específico de ansiedade causada pela percepção do risco de ser vítima de um crime. Essa ansiedade pode surgir devido a uma ameaça imediata ou ser resultado de crenças e representações sociais sobre o crime e os criminosos (PEIXOTO, 2003). Portanto, o medo do crime está ligado às representações do risco de vitimização criminal. Essas representações sociais variam conforme o perfil dos entrevistados, sua classe social e o local que habitam.

Tabelas 9,10,11,12 - Estatísticas gerais por faixa do mapeamento sobre a percepção de criminalidade do cemitério.

Tabela 9 – Criminalidade na faixa do entorno imediato.

Classificações	Quantidade (Entorno)	Porcentagem (Entorno)
Percepção de criminalidade 0-1 (Inexistente)	6	35.29%
Percepção de criminalidade 2-3 (Baixa)	1	5.88%
Percepção de criminalidade 4-5 (Razoável)	4	23.53%
Percepção de criminalidade 6-7 (Alta)	2	11.76%
Percepção de criminalidade 8-10 (Muito alta)	4	23.53%

Tabela 10 – Criminalidade na faixa entre o entorno imediato e 150 metros.

Classificações	Quantidade (150 metros)	Porcentagem (150 metros)
Percepção de criminalidade 0-1 (Inexistente)	19	25.68%

Percepção de criminalidade 2-3 (Baixa)	8	10.81%
Percepção de criminalidade 4-5 (Razoável)	21	28.38%
Percepção de criminalidade 6-7 (Alta)	11	14.86%
Percepção de criminalidade 8-10 (Muito alta)	15	20.27%

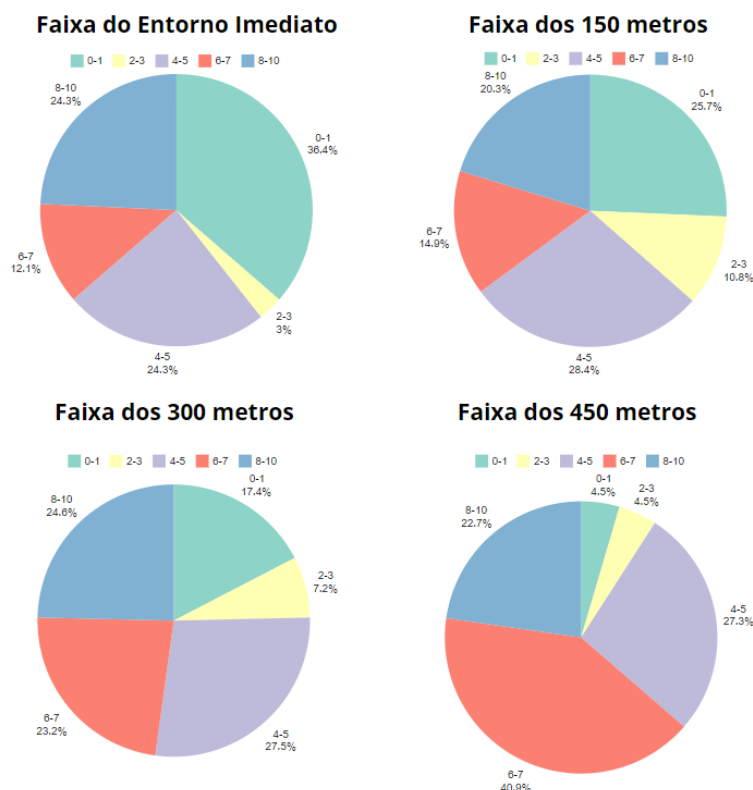
Tabela 11 – Criminalidade na faixa entre 150 metros e 300 metros.

Classificações	Quantidade (300 metros)	Porcentagem (300 metros)
Percepção de criminalidade 0-1 (Inexistente)	12	17.39%
Percepção de criminalidade 2-3 (Baixa)	5	7.25%
Percepção de criminalidade 4-5 (Razoável)	19	27.54%
Percepção de criminalidade 6-7 (Alta)	16	23.19%
Percepção de criminalidade 8-10 (Muito alta)	17	24.64%

Tabela 12 – Criminalidade na faixa entre 300 metros e 450 metros.

Classificações	Quantidade (450 metros)	Porcentagem (450 metros)
Percepção de criminalidade 0-1 (Inexistente)	1	4.55%
Percepção de criminalidade 2-3 (Baixa)	1	4.55%
Percepção de criminalidade 4-5 (Razoável)	6	27.27%

Percepção de criminalidade 6-7 (Alta)	9	40.91%
Percepção de criminalidade 8-10 (Muito alta)	5	22.73%



Pergunta 5 - VERGONHA OU CONSTRANGIMENTO

Sobre a percepção de vergonha ou constrangimento de viver próximo a um cemitério, os resultados mostram que a grande maioria dos entrevistados, em todas as faixas, não tem esse sentimento.

A distribuição do resultado no entorno do cemitério é majoritariamente validada pela percepção individual inexistente do constrangimento (82.35%) de morar perto ao cemitério – Tabelas 13 a 16.

Tabelas 13,14,15,16 - Estatísticas gerais por faixa do mapeamento sobre a percepção de vergonha ou constrangimento do cemitério.

Tabela 13 – Constrangimento na faixa do entorno imediato.

Classificações	Quantidade (Entorno)	Porcentagem (Entorno)
Percepção individual sobre a vergonha 0-1 (Inexistente)	14	82.3%
Percepção individual sobre a vergonha 2-3 (Baixa)	1	5.88%
Percepção individual sobre a vergonha 4-5 (Razoável)	1	5.88%
Percepção individual sobre a vergonha 6-7 (Alta)	1	5.88%
Percepção individual sobre a vergonha 8-10 (Muito alta)	0	0%

Tabela 14 – Constrangimento na faixa entre o entorno imediato e 150 metros.

Classificações	Quantidade (150 metros)	Porcentagem (150 metros)
Percepção individual sobre a vergonha 0-1 (Inexistente)	63	85.14%
Percepção individual sobre a vergonha 2-3 (Baixa)	8	10.81%
Percepção individual sobre a vergonha 4-5 (Razoável)	3	4.05%
Percepção individual sobre a vergonha 6-7 (Alta)	0	0%
Percepção individual sobre a vergonha 8-10 (Muito alta)	0	0%

Tabela 15 – Constrangimento na faixa entre 150 metros e 300 metros.

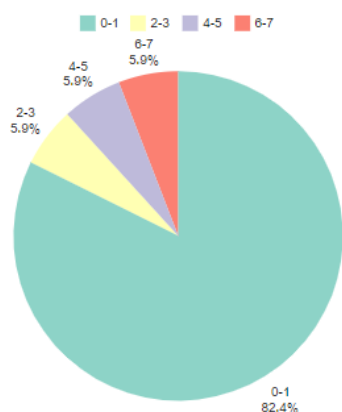
Classificações	Quantidade (300 metros)	Porcentagem (300 metros)
Percepção individual sobre a vergonha 0-1 (Inexistente)	51	73.91%

Percepção individual sobre a vergonha 2-3 (Baixa)	11	15.94%
Percepção individual sobre a vergonha 4-5 (Razoável)	7	10.14%
Percepção individual sobre a vergonha 6-7 (Alta)	0	0%
Percepção individual sobre a vergonha 8-10 (Muito alta)	0	0%

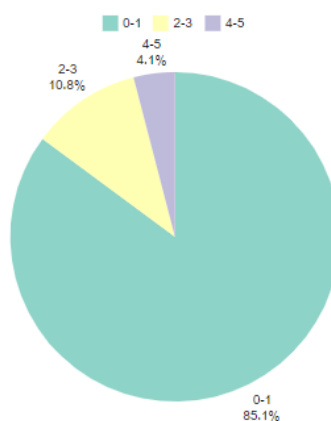
Tabela 16 – Constrangimento na faixa entre 300 metros e 450 metros.

Classificações	Quantidade (450 metros)	Porcentagem (450 metros)
Percepção individual sobre a vergonha 0-1 (Inexistente)	14	63.64%
Percepção individual sobre a vergonha 2-3 (Baixa)	6	27.27%
Percepção individual sobre a vergonha 4-5 (Razoável)	2	9.09%
Percepção individual sobre a vergonha 6-7 (Alta)	0	0%
Percepção individual sobre a vergonha 8-10 (Muito alta)	0	0%

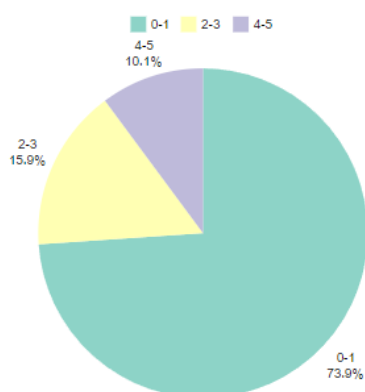
Faixa do Entorno Imediato



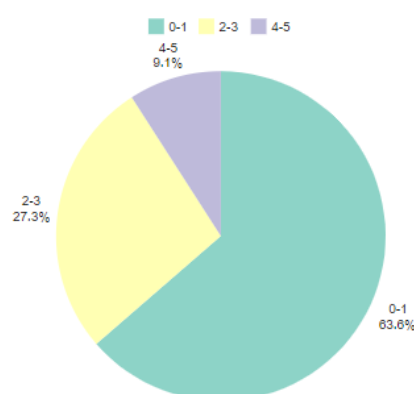
Faixa dos 150 metros



Faixa dos 300 metros



Faixa dos 450 metros



A faixa entre o entorno e 150 metros mantém a alta porcentagem de pessoas que negam qualquer constrangimento em viver próximo ao cemitério (85.14%) – Tabela 14 desmitificando o entendimento de que o cemitério pode causar sentimentos dessa natureza nos moradores de Sobradinho II.

Na faixa entre 150 e 300 metros a porcentagem diminui (73.91%), resultando no aumento das porcentagens de vergonha razoável (3-6) – Tabelas 13 a 16. Este sentimento pode estar relacionado com o mesmo fator do resultado anterior, de pré-conceito potencializado com a distância do cemitério, por exemplo.

Na última faixa, a percepção continua sendo de maioria inexistente (63.64%), mas em uma porcentagem ainda menor que a última faixa – Tabela 13 a 16.

De forma geral, sugere que os entrevistados têm o cemitério como algo normal de se viver perto, desmistificando tabus sobre o local dos mortos.

Desta forma, pode-se inferir que o cemitério ganha outro significado, perde-se a atmosfera sombria e triste, transformando-se em um espaço de convivência e sociabilidade. Eles se tornaram protetores da cultura e da memória de seu povo, ao preservarem os restos mortais de personalidades notáveis (ARIÉS, 1982, p. 578-579). O fenômeno moral que é a vergonha não pode ser explicado apenas com um princípio, no qual embarca toda bagagem sociocultural econômica do indivíduo.

O mapa (Figura 8) deixa claro que a distribuição espacial dessa falta de constrangimento é visível em todas as faixas de estudo, com nenhum respondente para a classificação muito alta (8-10) – Tabela 17.

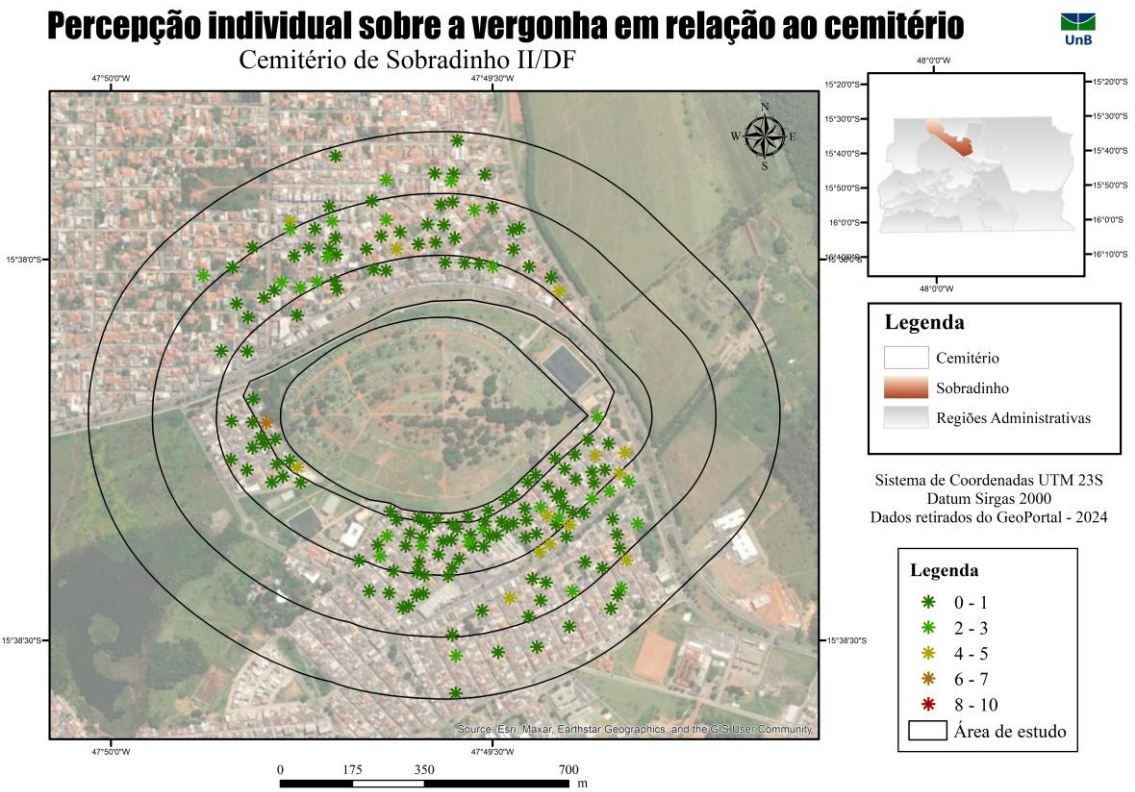


Figura 8 - Percepção sobre vergonha de morar próximo ao cemitério.

Tabela 17 - Estatísticas gerais do mapeamento sobre a percepção de vergonha ou constrangimento.

Classificações	Quantidade (Entorno)	Porcentagem (Entorno)
Percepção individual sobre a vergonha 0-1 (Inexistente)	142	78.02%

Percepção individual sobre a vergonha 2-3 (Baixa)	26	14.29%
Percepção individual sobre a vergonha 4-5 (Razoável)	13	7.14%
Percepção individual sobre a vergonha 6-7 (Alta)	1	0.55%
Percepção individual sobre a vergonha 8-10 (Muito alta)	0	0%

Pergunta 6 – MEDO DO DESCONHECIDO

Sobre o mapeamento da percepção relacionada ao medo de “fantasmas, espíritos, oferendas, entre outros”, os resultados mostram, majoritariamente, a inexistência dessa fobia, sem um padrão específico de distribuição espacial (Tabela 18, Figura 10), corroborando a desmistificação do cemitério, que torna-se um espaço que, segundo o Ariés (1977), transmite em suas sinuosas ruas, lápides, túmulos e mausoléus, uma expressão de patrimônio histórico-cultural, que é configurado por seu valor material e imaterial, que há a construção do passado e que se desloca e insere-se no presente.

A percepção individual sobre a fobia do medo de “fantasmas, espíritos, oferendas, entre outros” no entorno do cemitério é de maioria inexistente (58.82%), e pode estar ligada, entre outros fatores, ao tempo de residência das pessoas, como abordado anteriormente, o que torna essa fobia inexistente – Tabela 18.

Tabela 18 - Estatísticas gerais do mapeamento sobre a percepção de medo de “fantasmas, espíritos, oferendas, entre outros”.

Classificações	Quantidade de entrevistados	Porcentagem
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 0-1 (Inexistente)	105	57.69%
Percepção individual sobre a	27	14.84%

necrofobia/fasmofobia 2-3 (Baixa)		
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 4-5 (Razoável)	32	17.58%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 6-7 (Alta)	4	2.20%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 8-10 (Muito Alta)	14	7.69%

Na faixa do entorno aos 150 metros, continua a mesma perspectiva da percepção ser inexistente ou baixa (72.98%) – Tabela 19.

Na faixa entre 150 e 300 metros, a porcentagem mais alta continua nas classes inexistente ou baixa (75.36%), e este resultado pode ser efeito também da maioria dos moradores serem residentes há mais de 14 anos. Aparece uma demanda por pertencimento que impacta a forma como o indivíduo enxerga e age dentro do contexto social. A importância atribuída à aceitação e a urgência de criar conexões fazem com que as pessoas se ajustem e funcionem no convívio social. (GASTAL e PILATI, 2016).

Na faixa entre 300 e 450 metros, a estatística se mantém, apresentando que a fobia do medo é inexistente (63.64%), porém há um aumento na estatística razoável (3-6) que pode se explicar pela falta de contato e proximidade com o cemitério, causando esse medo do desconhecido.

Na faixa entre entorno, 150 e 300 metros é que se pode encontrar os casos de entrevistados que têm a fobia mais elevada. Esse medo pode surgir tanto da religiosidade do indivíduo quanto suas práticas socioculturais. Os dados da fobia ao desconhecido, quando comparados aos dados da religiosidade dos respondentes, mostram que na faixa de 150 e 300 metros, a maior porcentagem é da ausência de uma religião (Ateu, 27.54%).

O medo pode desaparecer quando se “desvenda o desconhecido”, uma vez que o conceito de morte varia amplamente conforme a cultura e as crenças religiosas de cada indivíduo. Por influência cultural e familiar, cada pessoa carrega dentro de si uma representação única da morte: como perda, ruptura, desintegração, degeneração, ou ainda como fascínio, sedução, uma grande jornada, entrega, descanso ou alívio (KOVÁCS, 1996).

Tabelas 19,20,21,22 - Estatísticas gerais por faixa do mapeamento sobre a percepção de medo de “fantasmas, espíritos, oferendas, entre outros” do cemitério.

Tabela 19 – Necrofobia/Fasmofobia na faixa do entorno imediato.

Classificações	Quantidade (Entorno)	Porcentagem (Entorno)
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 0-1 (Inexistente)	10	58.82%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 2-3 (Baixa)	1	5.88%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 4-5 (Razoável)	3	17.65%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 6-7 (Alta)	1	5.88%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 8-10 (Muito Alta)	2	11.76%

Tabela 20 – Necrofobia/Fasmofobia na faixa entre o entorno imediato e 150 metros.

Classificações	Quantidade (150 metros)	Porcentagem (150 metros)
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 0-1 (Inexistente)	42	56.76%

Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 2-3 (Baixa)	12	16.22%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 4-5 (Razoável)	11	14.86%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 6-7 (Alta)	3	4.05%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 8-10 (Muito Alta)	6	8.11%

Tabela 21 – Necrofobia/Fasmofobia na faixa entre 150 metros e 300 metros.

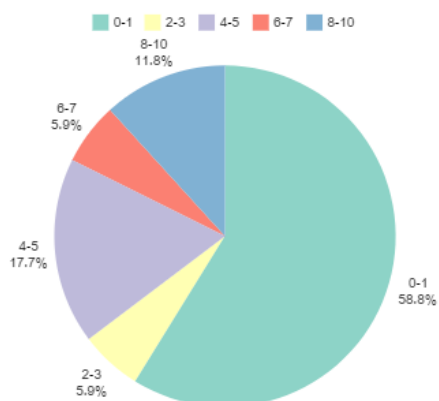
Classificações	Quantidade (300 metros)	Porcentagem (300 metros)
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 0-1 (Inexistente)	18	26.09%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 2-3 (Baixa)	9	13.04%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 4-5 (Razoável)	18	26.09%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 6-7 (Alta)	10	14.49%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 8-10 (Muito Alta)	14	20.29%

Tabela 22 – Necrofobia/Fasmofobia na faixa entre 300 metros e 450 metros.

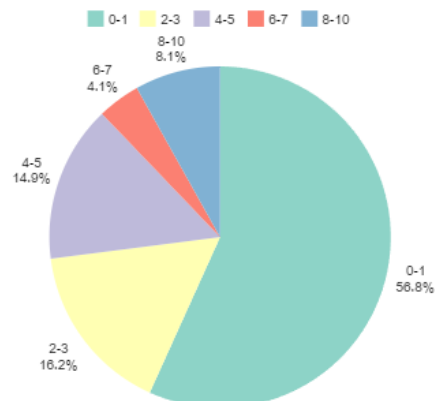
Classificações	Quantidade (450 metros)	Porcentagem (450 metros)
----------------	-------------------------	--------------------------

Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 0-1 (Inexistente)	14	63.64%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 2-3 (Baixa)	1	4.55%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 4-5 (Razoável)	7	31.82%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 6-7 (Alta)	0	0%
Percepção individual sobre a necrofobia/fasmofobia 8-10 (Muito Alta)	0	0%

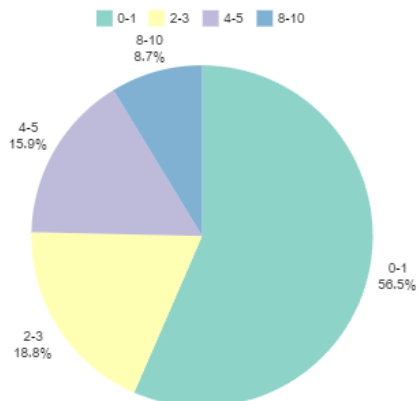
Faixa do Entorno Imediato



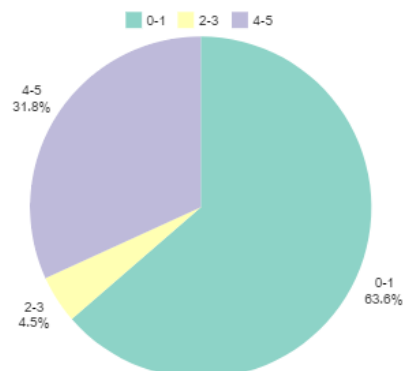
Faixa dos 150 metros



Faixa dos 300 metros



Faixa dos 450 metros



Percepção individual sobre a fobia do medo em relação ao cemitério

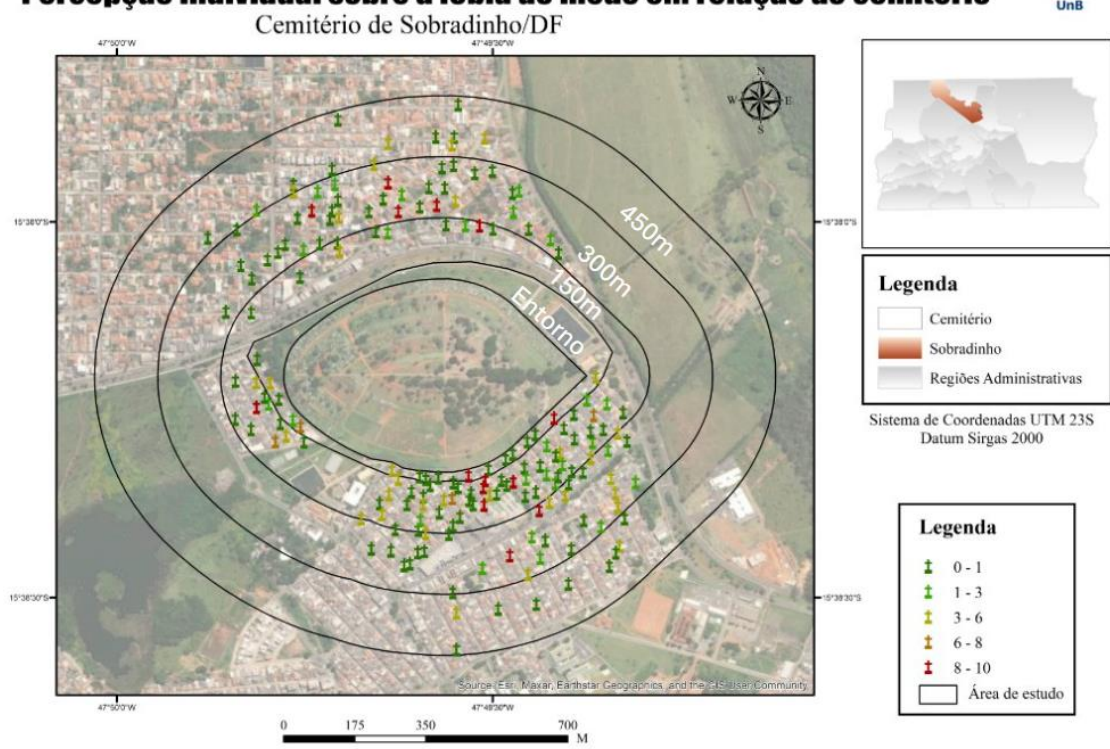


Figura 9 – Percepção sobre a fobia do medo de “fantasmas, espíritos, oferendas, entre outros” em relação ao cemitério.

Pergunta 7 - DESVALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA

No que diz respeito à última pergunta do questionário, relacionada ao mapeamento da percepção individual sobre a desvalorização imobiliária, as respostas tornam-se mais complexas a desmitificação do cemitério no contexto contemporâneo corroborada pelas respostas anteriores, demonstrando que, para os entrevistados, apesar de não haver fobias explícitas relacionadas ao cemitério, seus terrenos são desvalorizados pela sua presença - Tabela 23 a 26.

No entorno do cemitério as respostas demonstram que a percepção majoritária sobre a desvalorização imobiliária é inexistente ou baixa (58,83%) – Tabela 23.

A partir da faixa entre o entorno e 150 metros, apesar da maioria afirmar que a percepção é inexistente ou baixa (mesmo que tenha decaído da faixa anterior), os resultados mostram um aumento do número de pessoas com a

percepção de que seus imóveis são desvalorizados em função do cemitério, podendo ser ponto negativo na hora de vender seus lotes – Tabela 23 a 26.

Entre 150 e 300 metros, a percepção de desvalorização imobiliária é difusa, mas nota-se uma queda na porcentagem de respondentes que consideram a percepção inexistente ou baixa, aumentando significativamente aqueles que acreditam que os imóveis são desvalorizados – Tabela 23 a 26. Este resultado aponta que essa percepção também é medida a partir da vivência do entrevistado com o cemitério e suas bagagens socioculturais.

Na última faixa estudada, os resultados empatam em baixos e razoáveis (somando 63,64%) e a alta percepção de que a presença do cemitério desvaloriza o valor dos imóveis tem queda expressiva, mas isso reforça a ideia de que, no geral, a percepção é de que existe desvalorização imobiliária na visão dos entrevistados.

Pelo cemitério se tratar de um terreno baldio, há um entendimento geral que a localização e segurança dos imóveis perto ao cemitério influencia na diminuição do valor do imóvel, identificando que o cemitério causa a depreciação do imóvel, pois muitas pessoas querem evitar esses lugares, conforme Pujadas (2012). Porém, também há quem prefira morar perto de lugares como o cemitério, alegando ter uma paz maior por conta do silêncio transmitido.

Essa percepção de desvalorização pode estar ligada ao tabu de que o cemitério traz sentimentos ruins ou agrega questões negativas e, por isso, na hora de venda, há uma queda no preço do imóvel. Nesse contexto, durante as entrevistas algumas pessoas relataram que houve casos em que moradores foram indenizados pelo governo, segundo eles, por danos morais causados pela convivência com a visão diária de sepultamentos ou odores desagradáveis em dias de calor causados pela emissão de gases funerários, em consequência da má confecção das sepulturas, por inumação, isto é, profundidade de enterramento insuficiente e cobertura de terra inadequada.

Houve relatos, ainda, da crença dos moradores da proximidade do cemitério de que o cemitério gera impactos psicológicos e físicos, como medo da morte e superstições que afastam as pessoas de quererem residir em locais próximos, ou o risco de contaminação das águas superficiais e subterrâneas por microrganismos que se proliferam durante a decomposição dos corpos.

Na porção sul da área de estudo, há a maior incidência de aumento das taxas de percepções coletadas. Este resultado pode ser combinado com a questão econômica de Sobradinho II, uma vez que o cemitério funciona como um divisor de bairros de classes sociais diferentes: o Sul remete em um bairro mais simples, enquanto na porção Norte, as moradias já são de famílias com poder aquisitivo superior. Porém, para uma melhor análise é indicado um estudo especializado na dinâmica entre as questões econômicas e sociais aplicadas a proximidade ao cemitério. A partir de uma abordagem aqui presente no artigo que não se compromete em aprofundar essa dinâmica entre as porções sul e norte e sua correlação econômica e social ao cemitério.

Desse modo, de maneira geral, a maior porcentagem continua no Razoável como mostra a Tabela 27, entende-se que pela presença do cemitério, há uma crença que o local pode auxiliar na desvalorização imobiliária dos terrenos.

Na distribuição espacial da percepção, conforme a Figura 10 mostra, em todas as faixas encontra-se as classificações de respostas, corroborando para uma visão de mercado a partir das bagagens socioculturais econômicas e não pela sua distribuição espacial ou pela proximidade ao cemitério.

Tabela 23,24,25,26 - Estatísticas gerais por faixa do mapeamento sobre a percepção de desvalorização imobiliária do cemitério.

Tabela 23 – Desvalorização imobiliária no entorno imediato.

Classificações	Quantidade (Entorno)	Porcentagem (Entorno)
Percepção de desvalorização imobiliária 0-1 (Inexistente)	7	41.18%
Percepção de desvalorização imobiliária 2-3 (Baixa)	3	17.65%
Percepção de desvalorização imobiliária 4-5 (Razoável)	3	17.65%
Percepção de desvalorização imobiliária 6-7	2	11.76%

(Alta)		
Percepção de desvalorização imobiliária 8-10 (Muito Alta)	2	11.76%

Tabela 24 – Desvalorização imobiliária na faixa entre o entorno imediato e 150 metros.

Classificações	Quantidade (150 metros)	Porcentagem (150 metros)
Percepção de desvalorização imobiliária 0-1 (Inexistente)	17	22.97%
Percepção de desvalorização imobiliária 2-3 (Baixa)	16	21.62%
Percepção de desvalorização imobiliária 4-5 (Razoável)	20	27.03%
Percepção de desvalorização imobiliária 6-7 (Alta)	11	14.86%
Percepção de desvalorização imobiliária 8-10 (Muito Alta)	10	13.51%

Tabela 25 – Desvalorização imobiliária na faixa entre 150 metros e 300 metros.

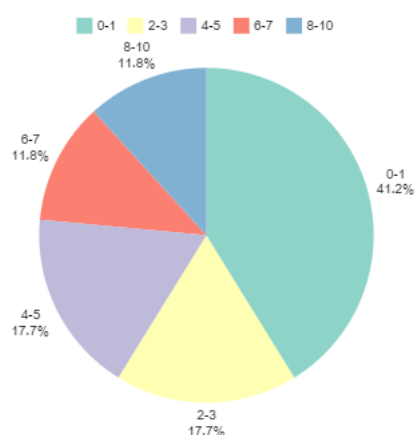
Classificações	Quantidade (300 metros)	Porcentagem (300 metros)
Percepção de desvalorização imobiliária 0-1 (Inexistente)	18	26.09%
Percepção de desvalorização imobiliária 2-3 (Baixa)	9	13.04%
Percepção de desvalorização imobiliária 4-5 (Razoável)	19	26.09%

Percepção de desvalorização imobiliária 6-7 (Alta)	10	14.49%
Percepção de desvalorização imobiliária 8-10 (Muito Alta)	14	20.29%

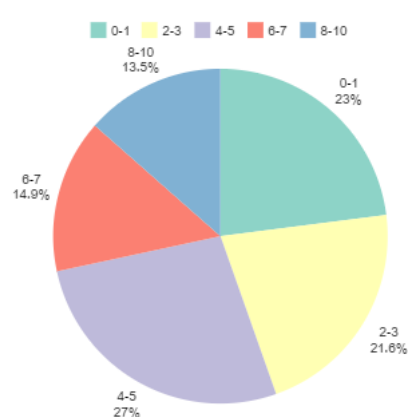
Tabela 26 – Desvalorização imobiliária na faixa entre 300 metros e 450 metros.

Classificações	Quantidade (450 metros)	Porcentagem (450 metros)
Percepção de desvalorização imobiliária 0-1 (Inexistente)	4	18.18%
Percepção de desvalorização imobiliária 2-3 (Baixa)	7	31.82%
Percepção de desvalorização imobiliária 4-5 (Razoável)	7	31.82%
Percepção de desvalorização imobiliária 6-7 (Alta)	2	9.09%
Percepção de desvalorização imobiliária 8-10 (Muito Alta)	2	9.09%

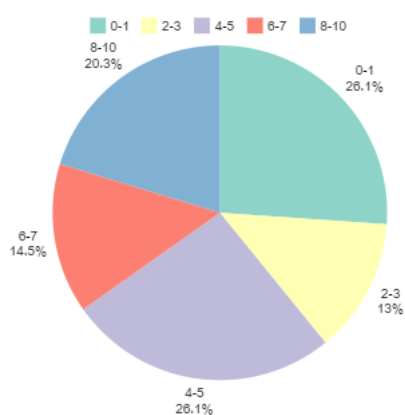
Faixa do Entorno Imediato



Faixa dos 150 metros



Faixa dos 300 metros



Faixa dos 450 metros

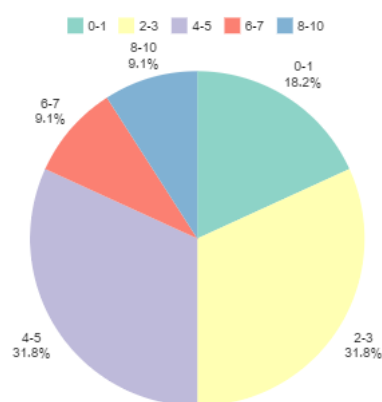


Tabela 27 - Estatísticas gerais do mapeamento sobre a percepção de desvalorização imobiliária.

Classificações	Quantidade de entrevistados	Porcentagem
Percepção de desvalorização imobiliária 0-1 (Inexistente)	46	25.27%
Percepção de desvalorização imobiliária 2-3 (Baixa)	35	19.23%
Percepção de desvalorização imobiliária 4-5 (Razoável)	48	26.37%
Percepção de desvalorização imobiliária 6-7 (Alta)	25	13.74%

Percepção de desvalorização imobiliária 8-10 (Muito Alta)	28	15.38%
---	----	--------

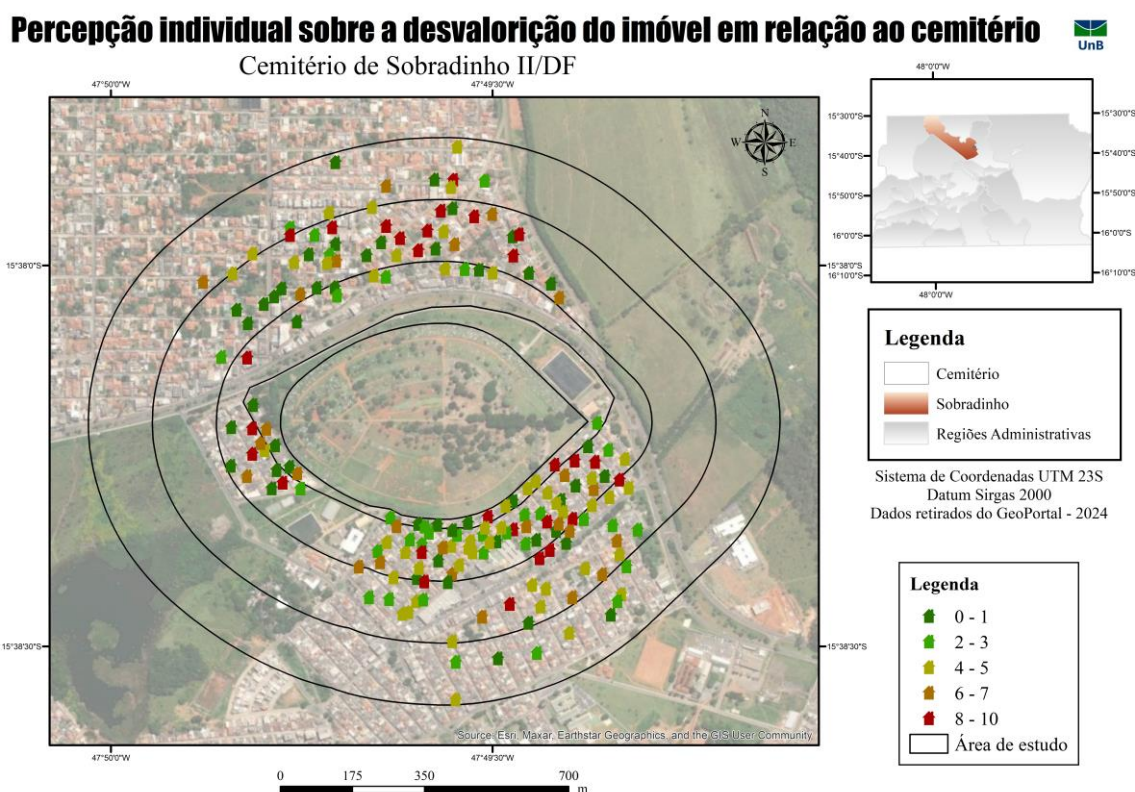


Figura 10 - Percepção sobre a desvalorização do imóvel ao redor do cemitério.

Dado o exposto, pode-se observar diversas realidades. Há as variações de fobia de medo ou constrangimento sobre o cemitério, em que houve o desconforto de morar perto do local ligado muitas vezes à religiosidade do entrevistado. Como afirma Höfke (2008), os cemitérios foram expandidos como locais de repetição simbólica do universo real”.

Considerando a atuação do Estado, os dados objetivos sempre terão relevância. A proposição não pretende substituir, por exemplo, informações quantitativas sobre a ocorrência da desvalorização do imóvel. Todavia, juntamente com os dados objetivos, as emoções têm impactos diretos na vida dos indivíduos e não podem ser menosprezadas.

5. CONCLUSÃO

Pode-se observar que o cemitério atualmente não atua somente como depósito de restos mortais, mas cada vez mais como local de amparo para os familiares que, diante da morte, dá o suporte social, dando um espaço de comunhão e relações socioculturais.

Entre os entrevistados, os temas relacionados às perspectivas materiais – como desvalorização imobiliária e presença de criminosos – receberam pontuações mais altas do que os temas mais intangíveis, como o constrangimento de ser vizinho de um cemitério ou o medo de manifestações espirituais.

Crê-se que o trabalho desenvolvido neste artigo pode servir para a criação de estudos voltados à avaliação intersubjetiva das paisagens e dos espaços, com associação de ferramentas de geoprocessamento. Além disso, o estudo buscou um melhor entendimento das percepções dos moradores de Sobradinho II, resultando em uma alternativa útil para estudos que avaliam os atributos de paisagem e lugar uma vez que os aspectos topofílicos se associam ao bem-estar geral da população (TUAN, 2012).

Houve a renúncia a partes totalizantes na representação espacial, uma vez que a representação ganha sentido na dimensão identitária, manifestando-se na cartografia através de pontos. Cada dado de entrevista precisa ser representado espacialmente e os esforços estatísticos que buscaram padrões acabam obscurecendo o que há de mais concreto: as respostas individuais dos questionários. Os títulos dos mapeamentos identitários também devem evitar alusões totalizantes e expressar com precisão a dimensão do que está sendo cartografado.

A distribuição espacial dos pontos no mapeamento revela diversos significados sociológicos. Considerando que o levantamento aborda a dimensão da percepção, é importante destacar a importância dos estudos perceptivos para a formulação de políticas públicas, servindo como ferramenta para a promoção do bem-estar da população.

Uma problemática enfrentada foi a má distribuição espacial das entrevistas, consequência da dificuldade de obter respondentes em campo dispostos a participar da pesquisa.

Assim, verificou-se que o método quali-quantitativo, devido às suas características, é capaz de transcender as tensões e o entremeio que envolvem a materialidade e a imaterialidade do espaço geográfico. Da abordagem quantitativa, utiliza-se dos métodos de pesquisas censitárias ou amostrais, aptos a gerar informações sobre uma população de maneira estatisticamente comprovada. Da abordagem qualitativa, aproveita-se das metodologias que permitem compreender, por meio da autoexpressão, a rede de significados atribuídos pelos indivíduos ao ambiente, baseada em suas experiências e vivências.

Além disso, o SIG, tanto em termos de eficiência quanto de eficácia, pode ser um grande aliado para os estudos geográficos e também para outras áreas, contribuindo para uma compreensão mais atualizada e visual da organização e produção do espaço, possibilitando ao geógrafo trabalhar de forma integrada com dados provenientes de diferentes formas, formatos e escalas, que serão adequados conforme a abrangência e significância do modelo de base de dados adotado para representar os fenômenos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. História da morte no ocidente. (ed. Especial). Rio de Janeiro: Saraiva de Bolso, 1977.

ARIÈS, Philippe. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. v. 2. 670 p

Aziz Nacib Ab'Saber: a Natureza, a Sociedade e a Paisagem. (2012). Revista De Cultura E Extensão USP, 7, 21-23.

BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL – Ministério do Meio Ambiente – CONAMA, 2003. Licenciamento ambiental de cemitérios. Resolução CONAMA nº 335 de 3 de abril de 2003.

CLAVAL, Paul. De Haussmann au Musée social. In: V. Berdoulay; P. Claval (dir.), Les débuts de l'urbanisme français, op. cit, 2001, p. 11-23.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de S. Morte: uma visão psicossocial. Revista Estudos de Psicologia. V.11, N° 2, maio-agos 209-216, 2005

COSGROVE, D. On "the reinvention of cultural geography" by Price and Lewis. *Annals of the Association of American Geographers*, 83 (3), 515-517. 1993.

DAVIS, Corine; PEIXOTO, Betânia. Medo e espaço urbano: uma análise da percepção do risco de vitimização local e não local. Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas, SP, 2003

DUNCAN, James S. The superorganic in american cultural geography. *Annals of the association of American geographers*. V.70, nº2, p.181-198, june, 1980.

FELICIONI, Fernanda; ANDRADE, Flavio F. A.; BORTOLOZZO, Nilza. A ameaça dos mortos: cemitérios põem em risco a qualidade das águas subterrâneas. Jundiaí, SP: Ed. dos autores, 2007. 63p.

FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. Cartografia e devires: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

GASTAL, C. A.; PILATI, R. Escala de Necessidade de Pertencimento: Adaptação e Evidências de Validade. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, p. 285-292, mai./ago. 2016.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma Geografia do Sagrado. 2009.

Guattari, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

Guinard, Pauline. "De la peur et du geographe à Johannesburg (Afrique du Sud)". *Geographie et cultures*, 93-94, 2015, 277-301.

HIRAM de Aquino, Bayer et Eugênia Maria, Dantas. Notas teóricas para o estudo do medo pela Geografia, 2018.

INNERARITY, D. *El nuevo espacio publico*. Madrid: Espace Calpe, 2006.

ISMÉRIO, Clarisse. *Sarau Noturno*. Lisboa: Editora Chiado, 2016

KOVÁCS, M. J. (1996). A morte em vida. In M. H. P. F. Bromberg, M. J. Kovács, M. M. M. J. Carvalho, & V. A. Carvalho (Orgs.), *Vida e morte: laços da existência* (pp. 11-33). São Paulo: Casa do Psicólogo

LONGLEY, Paul A. et al. *Sistemas e Ciência da Informação Geográfica*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MATIAS, L. F.; FERREIRA, N. C. Reflexões sobre o uso e a aplicação do termo SIG. *Anais GeoDigital'96*. São Paulo: FFLCH/ USP, p. 90-95, 1996.

MITCHELL, Don. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. *Transactions of the Institute of British Geographers. New Series*, v.20, n.1, p.102-116, 1995.

NOGUÉ, J.; ROMERO, J. Otras geografías otros tiempos nuevas y viejas preguntas viejas y nuevas respuestas. In: NOGUÉ, J.; ROMERO, J. (direc). Las Otras Geografías. Valencia: Tirant La Blanch, 2006. p.15-49.

PARROT, E. G. (1996). Embarrassment. In A. S. Manstead & M. Hewstone (Eds.), The Blackwell encyclopedia of social psychology (pp.196-198). Oxford: Blackwell Publishers.

ROSENDALH, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EDURJ, 1996.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; Costa, Alfredo. A inadequação das regionalizações culturais mediante os pressupostos do pós-colonialismo. Salvador: Geotextos, v.14, nº1, p.225-247, julho, 2018a.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. Geografias, v.16. nº1, p.27-41, 2018b.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo; MATOS, Geraldo Magela. Mapeando fenômenos intangíveis. Mercator, Fortaleza, v. 20, e20010, 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

THIEN, Deborah. Emotional Geographies: Theoretical and substantive considerations. In: SMITH, Susan J.; PAIN, Rachel; MARSDEN, David; JONES III, John Paul (Eds). Handbook of Social Geographies. Los Angeles: SAGE, 2017. p. 1699-1710.

Tuan, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012

VALENTINE, Gill. Whatever happened to the social? Reflections on the “cultural turn” in British Human Geography. Norwegian Journal of Geography, v.55, p.166-172, 2001.

Zygouris, R. (1995). Ah! As belas lições! (C. Koltai, trad.). São Paulo: Escuta.

ANEXO 1 – QUESTIONARIO ESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS

1º) Há quanto tempo você mora aqui?

2º) Você possui religião? Qual?

3º) Qual a/o sua/seu percepção/sentimento de viver perto do cemitério em uma palavra?

4º) O quanto você acha que o cemitério contribui para atrair pessoas com más intenções, dentre elas golpistas e outros criminosos para a redondeza?

5º) O quanto você acha que o cemitério contribui para a desvalorização das casas da região?

6º) O quanto você sente vergonha de dizer às pessoas que mora próximo ao cemitério?

7º) O quanto você tem medo em relação a fantasmas, espíritos, oferendas, entre outros, por viver próximo ao cemitério?